APRESENTAÇÃO DO ARTIGO "UMA TEORIA DA CONSCIÊNCIA" DE DAVID ROSENTHAL

Tárik De Athayde Prata¹

David Rosenthal, professor da City University of New York (C.U.N.Y.), é um dos nomes mais influentes no debate atual sobre a consciência na filosofia da mente e nas ciências cognitivas. Em 1986 ele publicou o inflente artigo *Two Concepts of Consciousness*, no qual ele critica a perspectiva sobre a consciência que a entende como *essencial* para a mente – perspectiva que ele designa como "cartesiana"² – e lança as bases de sua própria teoria a respeito da consciência, teoria baseada no conceito de "pensamentos de ordem superior" (*Higher-Order Thoughts*)³, que é considerada "uma das mais bem articuladas concepções da consciência disponíveis" (Balog, 2000, p. 215). E essa teoria foi formulada de maneira mais detalhada no artigo aqui publicado, *Uma teoria da consciência*, que apareceu originalmente em 1990, no relatório técnico do Centro de Pesquisa Interdisciplinar (ZiF) da Universidade de Bielefeld (Alemanha), mas que é traduzido aqui a partir da versão revista publicada na coletânea *The Nature of Consciousness* (1997).

É importante perceber que o termo "ordem superior" não tem, neste contexto, um sentido valorativo. Os pensamentos ditos de "ordem superior" não são, em nada, melhores do que os pensamentos de ordem "inferior" a eles. Determinados pensamentos são ditos de "ordem superior", simplesmente, no sentido de que eles são *acerca* ou *a respeito* de outros estados mentais – como deve ficar mais claro ao longo da exposição a seguir. Na presente apresentação do artigo do Professor Rosenthal, irei me limitar a expor as três distinções

¹ Graduado em Psicologia e Mestre em Filosofia Contemporânea pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor em Filosofia pela Ruprecht-Karl Universität Heidelberg (Alemanha). Professor Associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

² De fato, é amplamente aceito que a visão da consciência como a essência da mente era fundamental ao pensamento de Descartes (cf. Rosenthal, 1986, p. 331; Armstrong, 1997, p. 721; Armstrong, 1999, pp. 14-16; Searle, 2004, p. 13; Searle, 2015, p. 202; Marques, 2017, p. 67-68). Descartes concebia corpo e alma como substâncias (Descartes, 1979, p. 107 [AT, VII, p. 44; AT, IX, p. 35]), no sentido ontológico do termo (cf. Cunningham, 2000, p. 3; Maslin, 2009, p. 40; Imaguire, 2007, pp. 272-83), e defendia que o pensamento é o atributo essencial da alma (cf. Descartes, 1979, p. 93-94 [AT, VII, p. 21; AT, IX, p. 27]). Mas a questão decisiva para a concepção de consciência é que ele definiu o pensamento como "tudo quanto está de tal modo em nós que somos imediatamente conscientes [conscii fimus]." (Descartes, 1979, p. 169 [AT, VII, p. 160; AT, IX, p. 124]), o que faz da consciência uma característica essencial de todos os fenômenos mentais. Os números romanos dão as referências nos volumes em latim (volume VII) e em francês (volume IX) da edição completa das obras de Descartes feita por Charles Adam e Paul Tannery (AT).

³ Conceito que ele expressa usualmente através da sigla HOT.

preliminares que ele propõe a respeito da consciência, distinções que são indispensáveis para o devido entendimento de sua teoria. A partir das distinções entre (I) consciência de *criatura* e consciência de *estado*, (II) consciência *intransitiva* e consciência *transitiva*, e (III) consciência *não introspectiva* e consciência *introspectiva*, os leitores poderão acompanhar as elaborações do autor, bem como seus argumentos a favor da teoria que pretende explicar a consciência como propriedade de estados mentais (consciência de estado) em termos do monitoramento desses estados por pensamentos de ordem superior.

Uma dificuldade para que se possa elucidar a teoria de Rosenthal (assim como qualquer outra teoria da consciência) é o fato de que a palavra "consciência" - do latim "con" (com) e "scire" (saber) (cf. Gennaro, 1996, p. 3) – pode ser empregada para expressar inúmeros conceitos diferentes, fato reconhecido por importantes filósofos do passado, como Franz Brentano (1924, p. 141-42; 1995, p. 101-2), Edmund Husserl (1984, p. 356; 2012, p. 295) e Jean-Paul Sartre (Sartre, 1996, p. 13), bem como por grandes expoentes do debate contemporâneo sobre a consciência na filosofia analítica, como David Armstrong⁴, o próprio Rosenthal, David Chalmers⁵, Ned Block⁶, Rocco Gennaro ou Uriah Kriegel.⁷ Na tentativa de delimitar com mais precisão determinados usos da palavra "consciência", Rosenthal propôs as três distinções mencionadas acima, que se tornaram extremamente influentes no debate contemporâneo, passando a constituir a "sabedoria comum" (Kriegel, 2009, p. 24) nesse debate. Por um lado, temos: (I) a consciência como uma propriedade de criaturas (que estão despertas e sensíveis a estímulos), e como uma propriedade de seus estados mentais (que, possuindo essa propriedade, aparecem na corrente da consciência); assim como temos (II) a consciência que apenas caracteriza seu portador (intransitiva) e a consciência de objetos e estados de coisas (transitiva); e também (III) a consciência de

^{4 &}quot;A noção de consciência é notoriamente obscura. É difícil de analisar e alguns filósofos e outros pensaram que ela não é analisável. Não é sequer claro que a palavra 'consciência' designe apenas um tipo de entidade, qualidade, processo ou o que quer que seja." (Armstrong, 1997, p. 721).

^{5 &}quot;Não existe apenas um problema da consciência. 'Consciência' é um termo ambíguo que se refere a muitos fenômenos diferentes. Cada um desses fenômenos precisa ser explicado, mas alguns são mais fáceis de explicar do que outros. Para começar, é útil distinguir os problemas associados à consciência em fáceis e difíceis. Os problemas fáceis são aqueles que parecem diretamente suscetíveis aos métodos padrão da ciência cognitiva, pelos quais um fenômeno é explicado em termos de mecanismos computacionais ou neurais. Os problemas difíceis são aqueles que parecem resistir a esses métodos." (Chalmers, 1995, p. 200).

^{6 &}quot;O conceito de consciência é um conceito híbrido, ou melhor, um conceito mestiço: a palavra 'consciência' conota diversos conceitos diferentes e denota diversos fenômenos diferentes. Raciocinamos sobre 'consciência' usando algumas premissas que se aplicam a um dos fenômenos designados por 'consciência', outras premissas que se aplicam a outras 'consciências', então terminamos em problemas. Existem muitos paralelos na história da ciência. Aristóteles usou 'velocidade' algumas vezes para significar velocidade média e outras vezes para significar velocidade instantânea; sua falha em perceber essa distinção causou confusão." (Block, 1997, p. 375).

^{7 &}quot;A palavra " é notoriamente ambígua. Isso é principalmente porque ela *não* é um termo técnico, mas sim uma palavra mundana que nós todos usamos muito frequentemente, para diferentes propósitos e em diferentes contextos cotidianos." (Kriegel, 2003, p. 103).

estados mentais que não envolve um esforço deliberado do sujeito psicológico (não introspectiva) e a consciência que só se produz após um esforço deliberado e atento do sujeito, esforço de examinar seus próprios estados mentais (introspectiva).

Para compreender melhor o sentido dessas distinções, é interessante considerar a discussão feita por Gennaro a respeito do uso de predicados *monádicos* e *diádicos*. Em sentido puramente psicológico⁸, a palavra consciência pode ser empregada para designar, por exemplo, uma entidade (cf. Van Gulick, 2012, p. 10), uma faculdade ou uma característica (cf. Kriegel, 2004, p. 182). Como coloca Gennaro (1996, p. 3), podemos distinguir, em termos linguísticos, entre:

- (a) O nome abstrato "consciência"
- (b) O predicado monádico "... é consciente"
- (c) O predicado diádico "... é consciente de ..."

Enquanto o uso (a) pode ser empregado para designar uma entidade ou uma faculdade, os usos (b) e (c) são aqueles que correspondem a algum tipo de propriedade ou característica (sendo no caso de (c) alguma propriedade *relacional*). Tomando o caso específico do uso (b), não é difícil perceber que o predicado "... é consciente" pode ser empregado tanto a respeito de *criaturas* (ou *organismos*), quanto, por outro lado, a respeito de *estados mentais* nos quais essas criaturas se encontram (cf. Gennaro, 1996, p. 4), o que corresponde à distinção proposta por David Rosenthal entre consciência de criatura e consciência de estado (Rosenthal, 1997, p. 729). Ou seja, tomando o uso (b), podemos produzir sentenças como as seguintes (cf. Kriegel, 2003, p. 182-83; Kriegel, 2009, p. 25):

- (1) Jane está consciente
- (2) O desejo (de Jane) de comer um chocolate está consciente

Nessas sentenças, fica explicitada a distinção entre a consciência como uma característica de um certo sujeito (Jane), e como uma característica de um de seus estados mentais (seu desejo de comer um chocolate). Mas ao mesmo tempo em que se diferenciam em virtude dos tipos de entidade aos quais são aplicados (uma *criatura*, por um lado, e um *estado mental*, por outro lado), os predicados das duas sentenças se assemelham no aspecto de que não expressam uma relação, mas apenas uma propriedade que diz respeito, isoladamente, a seu portador. Nesse aspecto, as sentenças (1) e (2) se diferenciam de

⁸ Pois não se pode esquecer que "consciência" pode ter um sentido *moral* (cf. Güzeldere, 1997, p. 49, nota de rodapé nº 12) ou um sentido *social* (cf. Güzeldere, 1997, p. 9).

sentenças que fossem formadas a partir do uso (c) exposto acima, como, por exemplo, a sentença seguinte:

(3) Jane está consciente do chocolate

Neste caso, está sendo expressa uma propriedade relacional do sujeito, sua propriedade de *estar consciente de* um pedaço de chocolate em seu ambiente imediato, propriedade que equivale a certa relação psicológica do sujeito com um objeto físico. Para expressar a diferença entre sentenças como (1) e (2), por um lado, e (3), por outro lado (ou seja, para expressar a diferença entre o uso (b) e o uso (c) do termo "consciência"), Rosenthal propôs a distinção entre consciência *intransitiva* e consciência *transitiva* (cf. Rosenthal, 1997, p. 737).

Mas a série de distinções conceituais expostas acima levanta diversas perguntas a respeito de suas conexões. Podemos pensar a consciência como propriedade *monádica*, por um lado, ou como propriedade *relacional*, por outro lado, assim como podemos pensa-la enquanto propriedade de *criaturas*, por um lado, ou de *estados* (eventos e processos) *mentais*, por outro lado. Isso significa que essas distinções, que surgem da aplicação do termo "consciente" em predicados monádicos e diádicos (sejam tais predicados referentes a criaturas ou referentes a estados mentais), precisam ser entendidas umas em relação às outras. Para evidenciar as relações entre esses diferentes aspectos da consciência, Kriegel (2009, p. 29) propõe uma tabela semelhante à seguinte, que explicita a relação dos portadores da consciência (criaturas, por um lado, e estados mentais, por outro lado) com o caráter relacional (transitivo) ou não (intransitivo) dessa consciência:

	Intransitivo	Transitivo
	Consciência	Consciência
Criatura	intransitiva de criatura	transitiva de criatura
	["Jane está	["Jane está
	consciente"]	consciente do chocolate"]
	Consciência	Consciência
Estado	intransitiva de estado	transitiva de estado
	["O desejo (de	
	Jane) de comer um	
	chocolate está	
	consciente"]	

No caso da consciência transitiva de estado, não há uma sentenca correspondente a ela porque, como coloca Kriegel (2009, p. 27), a maneira como a expressão "consciente de" funciona na língua inglesa (como também é o caso da nossa língua portuguesa) não permite que se diga que um estado mental tenha consciência de algo. A esse respeito, Rosenthal afirma que "Um estado mental pode muito bem ser aquele em virtude do qual alguém é consciente de alguma coisa, mas o estado não poderia ser ele mesmo, literalmente falando, consciente de nada." (Rosenthal, 1997, p. 738). Por esse motivo, ele entende que a consciência transitiva é, na verdade, uma propriedade de criaturas. Nas palavras de Rosenthal: "Ser transitivamente consciente de algo é uma relação que uma pessoa ou outra criatura tem com esta coisa. Então apenas as criaturas podem ser transitivamente conscientes de coisas." (Ibid., p. 738). Mas isso não nos deve fazer pensar que a consciência transitiva de estado não existe, pois, como diz Rosenthal, "Um indivíduo está transitivamente consciente de algo caso se encontre em um estado mental cujo conteúdo diz respeito a esse algo – um pensamento sobre a coisa, ou uma sensação dela." (Ibid., p. 737). Se apenas criaturas podem ser, propriamente falando, conscientes de algo, elas só podem ter consciência desse objeto se elas se encontram em um estado mental que é acerca desse objeto. Como esclarece Kriegel:

A ocorrência de consciência transitiva de criatura *implica* um estado mental: quando Jane está consciente do chocolate, ela está em um certo estado mental, e é em virtude de estar nesse estado mental que ela está consciente do chocolate (em vez de estar consciente da mesa, ou de absolutamente nada). (2009, p. 27).

O objetivo do artigo aqui traduzido não é explicar nem a consciência de criatura — que é vista por Rosenthal como um fenômeno que não envolve grandes enigmas conceituais (cf. Rosenthal, 1997, p. 730) — nem explicar a consciência transitiva (seja de criaturas ou de estados) — que pertence à temática da *intencionalidade*. O objetivo da teoria da consciência de Rosenthal é explicar a *consciência intransitiva de estado*, e explica-la, justamente, em termos da *consciência transitiva*. Como ele esclarece: "Numa primeira tentativa, nós podemos dizer que um estado mental só é intransitivamente consciente se nós estivermos transitivamente conscientes dele." (Ibid., p. 737).

Mas é necessário, ainda, esclarecer a terceira distinção mencionada acima: aquela entre consciência *não introspectiva* e consciência *introspectiva*. Além de distinguir entre os possíveis *portadores* da consciência (enquanto uma propriedade) – ou seja, distinguir entre (i) criaturas e (ii) seus estados mentais – e além de distinguir entre consciência não relacional e relacional – ou seja, distinguir entre (i) consciência intransitiva e (ii) consciência transitiva –

o autor distingue entre a consciência de um estado mental quando não o estamos examinando atentamente – a (i) consciência não introspectiva – e a consciência de um estado mental quando ele é objeto de nosso exame atento – a (ii) consciência introspectiva.

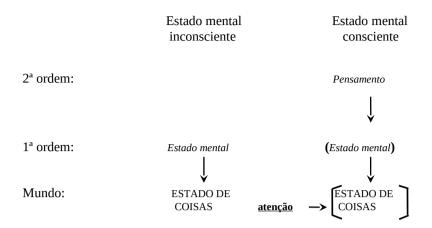
Para expor essas duas formas de consciência, será necessário abordar, rapidamente, a feição geral da teoria de Rosenthal. Em *Two Concepts of Consciousness*, ele formula a sua teoria da consciência de estado mentais nos seguintes termos:

Estados conscientes são, simplesmente, estados mentais dos quais estamos cientes de nos encontrar, e nosso estar ciente de algo é apenas questão de termos um pensamento de algum tipo sobre isso. Desse modo, é natural identificar a consciência de um estado mental com o pensamento, mais ou menos simultâneo, de um indivíduo de que ele se encontra nesse estado mental. (Rosenthal, 1986, p. 335).

Portanto, o fato de um dado estado mental ser um estado *consciente* seria explicado pelo fato de que esse estado é objeto de um "pensamento de ordem superior", isto é, um pensamento que é a respeito desse estado mental, ou, mais exatamente, a respeito do fato de que o sujeito portador desse estado se encontra nesse estado mental. Sendo assim, apesar da circunstância de que pensamentos de ordem superior costumam ser invocados para explicar a introspecção (o exame atento dos próprios estados mentais), Rosenthal insiste que a introspecção é mais complexa do que a maneira como estados mentais são, usualmente, conscientes. Para ele, se é um pensamento de ordem superior que explica a consciência espontânea de um estado mental, para que haja introspecção é necessário que esse primeiro pensamento de ordem superior se torne consciente, de modo que o sujeito se torne ciente de que ele está ciente de se encontrar naquele estado mental, e para que o primeiro pensamento de ordem superior se torne consciente, é necessário que entre em cena um segundo pensamento, a respeito do primeiro (cf. Rosenthal, 1986, p. 337).

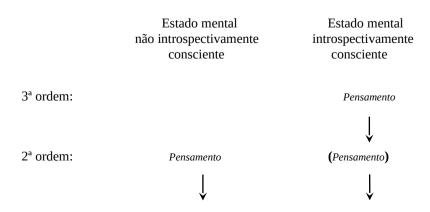
É possível representar o contraste entre um estado mental inconsciente e um estado mental consciente através da seguinte figura⁹, onde as setas (—) representam a consciência transitiva, os parênteses (()) representam a consciência intransitiva, e os colchetes ([]) representam o foco da atenção:

⁹ Figuras semelhantes a essas podem ser encontradas em Gennaro (2002), Prata (2016) e Prata (2017).



Na primeira ordem, temos estados mentais (sejam percepções, crenças, emoções ou desejos, entre outros) que são a respeito de estados de coisas, componentes do mundo ao nosso redor. Mas enquanto na coluna da esquerda o estado mental de primeira ordem está desacompanhado, de modo que não possui consciência (ele não está cercado por parênteses), na coluna da direita o estado mental está acompanhado por um pensamento de segunda ordem, de modo que ele é um estado consciente. Suponho que o foco da atenção permanece voltado para o estado de coisas porque ele – o estado de coisas – é o conteúdo do estado mental de primeira ordem, e é este estado mental que é tornado consciente, de maneira que é o conteúdo dele que permanece no foco da atenção. Em um estado mental introspectivo, a situação muda, como veremos a seguir, pois um pensamento de terceira ordem – portanto em uma ordem superior ao pensamento de segunda ordem – torna o pensamento de segunda ordem consciente, fazendo com que conteúdo desse pensamento deslize para o foco da atenção.

Já o contraste entre um estado mental que é consciente de modo *não introspectivo* e um estado mental que possui consciência de modo *introspectivo* pode ser representado através da seguinte figura:





Enquanto que o estado mental da esquerda corresponde, exatamente, ao estado mental que estava à direita na figura anterior, pois o estado mental consciente da figura anterior era, justamente, um estado mental não introspectivo, o estado mental da direita nesta segunda figura tem uma estrutura mais complexa, pois além do pensamento de segunda ordem, a respeito do estado mental dirigido ao mundo, temos um pensamento de terceira ordem, que é a respeito do pensamento de segunda ordem, tornando-o consciente. Nessa figura, o pensamento de segunda ordem à direita está sendo representado entre parênteses, para indicar que ele possui consciência intransitiva de estado.

Suponho que, neste caso, o foco da atenção se volta para o estado mental de primeira ordem porque o pensamento de segunda ordem tem o conteúdo de que *o sujeito*, ele mesmo, se encontra naquele estado mental de primeira ordem, e quando esse pensamento de segunda ordem se torna consciente, então é seu conteúdo (que inclui o estado mental de primeira ordem) que se encontra no foco da atenção.

Com base nas três distinções expostas acima, os leitores estarão melhor preparados para acompanhar as argumentações de Rosenthal, contra concepções rivais e a favor da sua própria teoria.

Referências bibliográficas

Adam, Ch. (Org.); Tannery, P. (Org.). Ouvres de Descartes – Meditationes de prima philosophia. Paris: Vrin, 1996. (Vol. VII).

Adam, Ch. (Org.); Tannery, P. (Org.). Ouvres de Descartes – Méditations et príncipes (traduction française). Paris: Vrin, 1996. (Vol. IX).

Armstrong. A. "What is Consciousness?" In: Block, N. (Org.); Flanagan, O. (Org.); Güzeldere, G. (Org.). *The Nature of Consciousness:* Philosophical Debates. Cambridge (Massachusetts): MIT Press, pp. 721-728, 1997.

Balog, K. "Comments on David Rosenthal's 'Consciousness, Content, and Metacognitive Judgments'", *Consciousness and Cognition*, 9, pp. 215-19, 2000.

Block, N. "On a Confusion About a Function of Consciousness" In: Block, N. (Org.); Flanagan, O. (Org.); Güzeldere, G. (Org.). The Nature of Consciousness: Philosophical

Perspectiva Filosófica, vol. 44, n. 2, 2017

Debates. Op. cit., pp. 375-415, 1997.

Brentano, F. Psychologie vom empirischen Standpunkt. 2ª ed. Leipzig: Meiner, 1924.

Brentano, F. Psychology from an empirical standpoint. London: Routledge & Kegan Paul, 1995.

Chalmers, D. "Facing Up To The Problem of Consciousness". *Journal of Consciousness Studies*. Vol. 2, N° 3, pp. 200-219, 1995.

Cunningham, S. 2000. What is a Mind? An Integrative Introduction to the Philosophy of Mind. Indianápolis: Hackett Publishing.

Descartes, R. Discurso do método; Meditações; Objeções e Respostas; As Paixões da Alma; Cartas. 2ª Edição. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1979.

Gennaro, R. Consciousness and Selfconsciousness: a Defense of the Higher Order Thought Theory of Consciousness. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1996.

Gennaro, R. J. "Jean-Paul Sartre and the HOT Theory of Consciousness". *Canadian Journal of Philosophy*, Vol. 32, N° 3, pp. 293-330, setember 2002.

Güzeldere, G. "Introduction – Many Faces of Consciousness: A Field Guide". In: Block, N. (Org.); Flanagan, O. (Org.); Güzeldere, G. (Org.). *The Nature of Consciousness:* Philosophical Debates. Op. cit., pp. 1-67, 1997.

Husserl, E. Logische Untersuchungen II: Untersuchungen zur Phanomenologie und Theorie der Erkenntnis. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1984. (Husserliana XIX/Parte 2).

Husserl, E. Investigações Lógicas: Segundo volume, parte I: Investigações para a Fenomenologia e Teoria do Conhecimento. Trad. Pedro M. S. Alves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

Imaguire, G. "A substância e suas alternativas: feixes e tropos" In: Imaguire, G.; Almeida, C. L. S.; Oliveira, M. A. (Orgs.). *Metafísica Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, pp. 271-289, 2007.

Kriegel, U. "Consciousness as Intransitive Self-Consciousness: Two Views and an Argument". Canadian Journal of Philosophy, Vol. 33, No. 1, pp. 103-132, Mar., 2003.

Kriegel, U. "Consciousness and Self-Consciousness". *The Monist*. Vol. 87, n° 2, pp. 182-205, 2004.

Kriegel, U. Subjective Consciousness: A Self-Representational Theory. Oxford: Oxford University Press, 2009.

Marques, E. "Consciência e autoconsciência em Leibniz". *Analytica*, Vol. 21 n° 1, pp. 67-83, 2017.

Maslin, K. T. Filosofia da mente. 2ª edição, Porto Alegre: Artmed, 2009.

Prata, T. A. "Consciência e auto-relação na primeira filosofia de Sartre: em exame a partir de um debate contemporâneo a respeito da consciência", *Ágora Filosófica*, Ano 16, N°2, pp.

Perspectiva Filosófica, vol. 44, n. 2, 2017

76-92, 2016.

Prata, T. A. "A estrutura da autoconsciência na filosofia da mente de John Searle", *Veritas* (PUCRS), Vol. 62, N°2, maio-ago., p. 428-452, 2017.

Rosenthal, D. "Two Concepts of Consciousness", Philosophical Studies, 49, pp. 329-59, 1986.

Rosenthal, D. "A Theory of Consciousness". In: Block, N. (Org.); Flanagan, O. (Org.); Güzeldere, G. (Org.). *The Nature of Consciousness:* Philosophical Debates. Op. cit., pp. 729-53, 1997.

Searle, J. R. Mind: A Brief Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2004.

Searle, J. R. Seeing Things as They Are: A Theory of Perception. Oxford: Oxford University Press, 2015.

Van Gulick, R. "Consciência". Investigação filosófica, Vol. E2, Artigo digital 2, 2012.